

**Transcrição da apresentação da Escola de Comunidade  
com Davide Prospero e S. Ex.<sup>a</sup> Dom Filippo Santoro  
por videoconferência, 23 de março de 2022**

*Texto de referência: L. Giussani, Dar a vida pela obra de Outro, São Paulo: Companhia Ilimitada, 2022, pp. 47-85.*

**Davide Prospero**

Boa noite! Antes de apresentar o texto da Escola de Comunidade que trabalharemos nas próximas semanas, vamos retomar de modo sintético o resultado do percurso feito até agora e as questões que vocês levantaram. Recebemos muitas mensagens que documentam o trabalho realizado, pessoalmente e nos grupos: algumas na forma de testemunho, outras de comentários, e outras – a maioria – na forma de perguntas pontuais, sinceras, sinal da seriedade na comparação feita e da riqueza da reflexão realizada. A proposta que nos foi dirigida não nos deixou indiferentes. De fato, para além dos conteúdos específicos, nos e-mails emerge com clareza um fator: aqueles que escreveram se deixaram tocar e ser colocados em movimento pessoalmente pelo texto de Giussani, por este início de Escola da Comunidade. As muitas perguntas atestam o desejo de se identificar com a experiência de Dom Giussani, de não “deixar as coisas correrem” quando não se entende algo, de confrontar a proposta com a própria experiência, em suma, de não perder tempo, de caminhar.

Vou resumir as questões mais recorrentes, com formulações mais simples:

**1. “Deus é tudo em tudo”**

Como eu descubro, onde vejo, que caminho preciso fazer para me tornar consciente de que “Deus é tudo em tudo”?

Em segundo lugar, como a consciência de que “Deus é tudo em tudo” incide na vida? Por exemplo, uma pessoa escreveu: “Diante do imenso mal da guerra que vemos e que paira sobre nós, como incide na vida o reconhecimento, o deter-se para descobrir nos pormenores de nossos dias que Deus é tudo em tudo?”

Analogamente: “Que impacto tem sobre a vida partir da ontologia, como nos foi sugerido? Que utilidade tem para a vida partir da ontologia?”

**2. Panteísmo**

Enquanto parece haver mais clareza sobre o niilismo, o tema do panteísmo provocou muitas perguntas, sob vários aspectos.

No texto, está escrito: “Niilismo e panteísmo destroem esse ‘eu’ que define a dignidade do homem, degradam-no ao aspecto da animalidade” (p. 39). Como podemos perceber os sinais de que nos rendemos à postura indicada como “panteísmo”? Como se manifesta? No fundo, parece que não é tão negativo pensar que somos uma parte indistinta de Deus.

Ou: quando se diz que “Deus é tudo”, é possível entender. Mas, do ponto de vista passivo, quando se diz que “tudo é Deus”, não corremos o risco de confundir com o panteísmo? O que significa que “tudo é Deus”?

**3. Pedido de ser e estranheza**

Que significa “pedir para ser”? Uma pessoa escreve: “Normalmente, a oração, para mim, é um pedido de ajuda e não um pedido de ser. O que está me escapando?”

Giussani escreve: “Em vez da familiaridade de Deus, que passeia com Adão e Eva à brisa da tarde, tem-se a *escolha pelo estranho*. Em vez de caminharem com Ele, Adão e Eva seguiram um estranho, algo de estranho à própria experiência deles” (p. 45). A pergunta é: “Por que o homem cede à escolha pelo estranho?” E, ainda: “Como combater essa estranheza com a nossa própria experiência?”

Agradeço a Dom Filippo Santoro, que também esta noite nos ajudará no trabalho, primeiro respondendo a estas perguntas e, depois, nos apresentando a próxima parte do livro *Dar a vida*

pela obra de *Outro*, que será o texto de trabalho das próximas semanas, até os Exercícios da Fraternidade.

### Filippo Santoro

Obrigado, Davide. Vamos começar com um *Glória* ao Espírito Santo, à Santíssima Trindade, para que nos ilumine no caminho da Escola de Comunidade. Rezemos juntos.

*Glória*

*Veni Sancte Spiritus*

### Introdução (retomada da primeira palestra)

Saúdo cordialmente a todos.

Como Davide disse, o encontro desta noite terá dois momentos: no primeiro, responderei às perguntas que chegaram e, no segundo, apresentarei o novo texto da Escola de Comunidade sobre “Cristo é tudo em todos”.

Em primeiro lugar, meus parabéns pelas duas músicas iniciais e, principalmente, pela música *Foi Deus*, de Amália Rodrigues, que foi muito bem cantada, porque esse fado exprime muito bem como “Deus é tudo em tudo”.

Antes de responder às perguntas, gostaria de destacar a postura que devemos ter para que possamos começar a compreender o texto de Dom Giussani. Essa postura ficou evidente para mim num encontro de preparação que fizemos, durante o qual salientei a necessidade de entender o que movia Giussani quando escreveu a palestra, em 1997. Para deixar clara essa postura de fundo, parto de uma documentação oferecida por Alberto Savorana no livro *Luigi Giussani. A sua vida*, no capítulo 32, com o título «A velhice explodiu em mim» (pp. 1001-1003 e p. 1014).

Alberto escreve:

«Junho de 1996 seria recordado por Giussani como um mês fundamental para a sua vida. Um ano depois desenvolve o assunto em várias ocasiões; quando se encontra com os monges beneditinos da Cascinazza, conta-lhes que fez uma descoberta: “A velhice explodiu em mim”. [...] Continua: “De repente o Senhor fez com que eu percebesse, e que por isso explodisse, a consciência da idade que passava [...] aos setenta e quatro anos exatos”. [...] a uma certa altura, teve de se render à evidência. Para Giussani, este render-se à evidência tem data precisa: “Um certo dia de junho do ano passado [1996] despertou em mim essa consciência’. Naquele período, Giussani tem de se sujeitar a uma ajuda nas necessidades cotidianas, e pensa: ‘[...] olha isto [...] que fim! O homem acaba em nada!’; admite que esta consideração está ligada ao fato de “o niilismo ser a tentação que mais brutalmente subtende toda a mentalidade de hoje”. Poucos minutos antes, Giussani tinha ouvido Beethoven e conseqüentemente acontece-lhe pensar que também “Beethoven que escreve a *Nona*, acaba assim! A *Divina Comédia* de Dante... Acabam assim”. Mas ao mesmo tempo tem um movimento de revolta dentro de si: “É impossível”, pensa ele, e imediatamente se pergunta se haverá alguma coisa que liberte deste nada: “E veio-me ao de cima, com uma clareza que é como tocar a cara da minha mãe: o eu, o eu! Quando digo eu, não sou assim”, ou seja, um nada. Noutra sítio, Giussani conta a mesma experiência por outras palavras: “*Corpus quod corrumpitur aggravat animam*, diz a Bíblia: o corpo que se corrompe sobrecarrega, pesa na alma. Mas dizia sobretudo para mim mesmo: Não é possível que eu acabe assim! O que há, para além dessa fisicidade corruptível? No fundo, o que é esta minha – minha! – realidade? [...]. O eu”. É naquela semana de junho, passada a fazer exames médicos, que Giussani faz uma série de descobertas, como lhe acontece há uns tempos; efetivamente, “Deus, nestes últimos três ou quatro anos, fez-me transbordar de pensamentos, intuições mais do que em toda a minha história, a história que tive’. Sobretudo porque aquela circunstância lhe abriu caminho para a solução do problema: ‘No dia seguinte, ao fim de uma noite a pensar nestas coisas, de repente percebi

a razão por que São Paulo diz que Deus é tudo em tudo. Se Beethoven, Dante e eu, todos acabamos em pó e se, por outro lado, Deus é tudo em tudo ‘de uma forma tão integral, quem sou eu e quem é a minha mãe?’ Giussani pensa: “Ó aparência e por isso nada como Anchise [uma sombra; *N.d.A.*] nos braços de Eneias, ou então parte do todo. Niilismo e panteísmo são os dois extremos do pensamento humano. Ou parte do todo, ou nada”. Giussani revela aos monges: “Nunca tinha chegado antes, conscientemente, a este raciocínio. Só lá cheguei em junho do ano passado”. [...] Tudo parece desenrolar-se como se, através dos limites impostos à idade, o Senhor pusesse Giussani a fazer experiência de uma virtude que na realidade nunca se cansou de praticar: a obediência, à maneira de Jesus; *Christus, factus oboediens usque ad mortem*, isto é, Cristo tornado obediente até à morte, aceitando a cruz, demonstrou a sua verdade. “Deus é tudo em tudo”, mas “Cristo é tudo em todos”. Que quer isto dizer? Que Cristo é o homem a partir do qual se percebe quem é o homem e quem é Deus».

O texto continua:

«Estes Exercícios Espirituais [de 1997] constituem um dos maiores vértices da reflexão de Giussani, um corpo a corpo radical com as perguntas que sempre atravessaram e atravessam o pensamento humano, filosófico ou não. Como se viu, Giussani não tem medo de pensar, não recua perante as perguntas que vêm da experiência humana, sua e dos outros, e nestas lições demonstra uma audácia exemplar. Não é por acaso que ele os menciona como dos Exercícios ‘que mais lhe deram que pensar’ (como se lhes refere, a 15 de novembro de 1998, ao falar a um grupo de noviços dos *Memores Domini*: ‘Releiam os Exercícios da Fraternidade do ano passado, porque eu acho que é a expressão mais avançada da nossa maneira de conceber a vida, da nossa maneira de sentir’). Niilismo e panteísmo representam duas tentações permanentes do pensamento humano face à questão da origem e da consistência das coisas, mas sobretudo da realidade do eu: eles constituem as versões opostas de uma mesma cedência da razão, que, não conseguindo enfrentar o problema que o estar aqui, o existir põe, ou nega ou dissolve o que se trataria de explicar. Para os milhares de participantes nos Exercícios é um testemunho excepcional vê-lo enfrentar, com esta inaudita, vertiginosa profundidade, as perguntas que a sua situação lhe torna urgentes, e que qualquer homem não pode deixar de considerar decisivas, frente às quais a razão é tentada a reduzir, a fechar» (A. Savorana, *Dom Giussani. A sua vida*, Coimbra: Tenacitas, 2017).

Portanto, mais do que a compreensão analítica de cada uma das passagens, o ponto é o impacto com um acontecimento, com a atitude com que Dom Giussani enfrentou esses problemas. Essa atitude forte de Dom Giussani diante da vida, com as duas grandes tentações – niilismo e panteísmo – ficou mais clara para mim depois, graças a uma mensagem que recebi de uma amiga espanhola, na qual ela escreveu: «Este é o método de Giussani. Naquele momento, marcado pela velhice, pelo peso da doença, pelos limites físicos que o faziam pensar cotidianamente nas coisas que passam, que desaparecem, terminam, o que esse homem faz? Começa a reclamar? A amaldiçoar Deus? Resigna-se? Não. Em vez de fugir, de se resignar ou se submeter às circunstâncias, ele reage com um movimento de recuperação, superando as aparências e se empenhando, usando a inteligência na busca da verdade, já conhecida, mas ainda a ser descoberta em sua profundidade interior. As duas palestras de 1997 atestam a autoconsciência de um homem diante da grande Presença. Ele estava destruído, temia que sua dificuldade inclusive de articulação tornasse difícil a compreensão de seu discurso. Então, o que ele faz? Decide gravar as palestras e prepará-las com mais cuidado porque ele tinha um grande desejo de continuar percorrendo apaixonadamente um caminho junto com seus amigos – ali, Giussani já estava amando a todos nós –, até “com quem conheço pouco ou não conheço nada, mas aos quais me sinto profundamente em companhia”. Durante o processo, Giussani tem cada um de nós presente, quer nos afastar da tentação do niilismo e do panteísmo, da dissolução do eu (ultimamente, para

fazer o que é cômodo). Quais eram suas preocupações? Não eram: “Quando eu morrer, se eu não andar mais e não conseguir mais falar”. Suas preocupações eram duas: O que é Deus para o homem e como podemos conhecê-Lo? Embora sua condição física fosse dolorosa e terrível, sua paixão pelo fato cristão o fazia superar a si mesmo por nós. Se tudo desaparece, qual é o sentido da vida? O sentido é claro, o sentido é que há Alguém que nos convidou e nos criou: “Você quer existir?” Depois disse: “Você me ajuda?”, como Dom Giussani disse a você, Dom Filippo: “Você iria de bom grado para o Brasil?” E você nos contou o impacto que teve quando viu aqueles 52 jovens entregando toda a vida a Cristo».

Esta certeza deve ser sempre cultivada, e fazemos isso através da Escola de Comunidade. Então, é preciso uma atenção para aprender os conteúdos da Escola de Comunidade. Insisto: mais do que compreender todos os pontos de modo analítico, trata-se de perceber o impacto do ser. O que acontece com o ser que eu sou? Está reduzido a nada? Dissolve-se no todo (que é outra forma confusa para terminar em nada), e por isso eu não existo mais?

Vamos agora, responder às perguntas mais recorrentes que foram enunciadas pelo Davide.

### 1. «Deus é tudo em tudo»

Como nos tornarmos conscientes de que Deus é tudo em tudo? Já dissemos muitas vezes: isso emerge na experiência. Nós não nos fizemos e não nos fazemos, as coisas mais bonitas da vida, os encontros decisivos são dados a nós como um dom. Não podemos acrescentar um só dia à nossa existência, a pessoa que amamos pode ser tirada de nós num instante. Em suma, todos os dias, de maneiras e intensidades diferentes, a experiência nos diz que a vida é dom de Outro, a realidade é dom de um Outro. Nós experimentamos isso seja quando o Mistério vem ao nosso encontro abertamente como bem, seja quando parece esconder Seu rosto, como quando perdemos pessoas queridas devido à Covid. Mas onde estariam nossos queridos se no início não houvesse aquele Ser que os criou e os fez para sempre? Ele os fez para sempre! Por isso, é a experiência – mesmo a experiência dramática e dolorosa – que nos revela a origem boa da nossa vida, a consistência do nosso ser.

Na tragédia da guerra com que nos deparamos nestes dias, duas coisas que dissemos na palestra emergem com uma clareza violenta.

- Em primeiro lugar, o mistério da liberdade do homem, que pode rejeitar que “Deus é tudo em tudo”; o pecado é a negação de que Deus é tudo em tudo, é como alguém que se substitui a Deus, é o mistério da liberdade do homem que pode refutar Deus tudo em tudo.

- Em segundo lugar, o mistério do fato de que Deus, no entanto, permite esse mal, porque não se substitui à liberdade do homem. Aqui, nos vem ao encontro as palavras de Bento XVI, na *Deus Caritas est*, n. 38: “Muitas vezes não nos é concedido saber o motivo pelo qual Deus retém o seu braço, em vez de intervir [por que Ele não intervém nessa situação louca na Ucrânia?]. Aliás, Ele não nos impede sequer de gritar, como Jesus na cruz: ‘Meu Deus, meu Deus, por que me abandonaste?’ (Mt 27,46). Num diálogo orante, havemos de lançar-Lhe em rosto esta pergunta: ‘Até quando esperarás, Senhor, Tu que és santo e verdadeiro?’ (Ap 6,10). Santo Agostinho dá a este nosso sofrimento a resposta da fé: [...] – Se O compreendesses, não seria Deus – [mas a sua medida]. O nosso protesto não quer desafiar a Deus, nem insinuar n’Ele a presença de erro, fraqueza ou indiferença [...]. Os cristãos [...] continuam a crer, não obstante todas as incompreensões e confusões do mundo circunstante, ‘na bondade de Deus e no seu amor pelos homens’ (Tt 3,4)”, que se manifesta, que entrou na história e se aproximou de cada um de nós. Estão vendo quantas coisas contraditórias? O desastre da guerra e a acolhida que a Europa está dando aos refugiados, a acolhida que alguns de nós estamos dando à nossa amiga que chegou de ônibus da Ucrânia com seus filhos depois de 50 horas de viagem. Há um coração que bate, um coração que pulsa!

Partir deste juízo, por um lado, não nega o abismo do mistério em que estamos imersos e, por outro, nos faz experimentar que dentro deste abismo nasce uma humildade, uma força de

aceitação, uma força de juízo sobre as coisas, um ímpeto de caridade e de acolhida.

Agora, a resposta à pergunta sobre o impacto que partir da ontologia tem sobre a existência. Leva-nos a pedir o ser. Este é o pedido com que participaremos, com o Papa Francisco, do grande gesto de consagração da Rússia e da Ucrânia ao Imaculado Coração de Maria, no dia 25 de março; um gesto que coloca na origem do nosso juízo um momento de pedido e oração pela paz.

É partir da ontologia o que nos leva a acolher os ucranianos (como muitas de nossas famílias estão fazendo; também aqui em Taranto, acolhi no centro noturno da Diocese dez senhoras com seus filhos; e há tantos outros que abrem seus corações), a acolher os filhos, o marido, a mulher, o vizinho ou o colega que nos pede perdão. Mas quem pode nos tornar capazes disso se não o Espírito, e como poderá nos ajudar se estivermos alienados a nós mesmos já que “tudo conspira para nos calar” e nossos dias são movidos pelo que nos acontece e, em última instância, pelo poder? Somos movidos a não prestar atenção à ontologia, à constituição do nosso ser; estamos distraídos, distraídos! Por isso, partir da ontologia nos recoloca na posição certa.

Começamos nossas manhãs com a oração do Ângelus: façam memória de que o Verbo se fez carne, ou seja, que a ontologia entrou na história, na nossa vida. Fixem por um momento a atenção no Tu diante do qual vocês estão, no Tu que vem ao nosso encontro com a luz. Neste momento, então, “trabalhe a terra do dia” – segundo uma graça misteriosa – e isso pode tornar mais fácil o perdão, a retomada, talvez a coragem de uma resposta diferente, ou de um silêncio. Começamos com a ontologia desde a manhã, colocando-nos diante do Tu.

## 2. Panteísmo

O tema do panteísmo provocou muitas perguntas. Devemos sempre pensar que todo erro é uma verdade que enlouqueceu. O panteísmo não é estranho ao reconhecimento de que “Deus é tudo em tudo”, mas esquece uma coisa: que Deus é o criador e que nós somos criaturas. O panteísmo é, antes de tudo, um erro ontológico: não somos um pedaço de Deus, nós somos criaturas de Deus. Somos nada diante de Deus, no entanto, somos livres diante de Deus. Somos Suas criaturas.

De um erro ontológico deriva um erro ético, prático: negligenciar que a criatura responde ao seu Criador. Ou seja, há uma responsabilidade para com Deus, para com cada homem, para com a natureza.

A renúncia a esta responsabilidade, a doença de “querer desaparecer no todo” (panteísmo) tem dificuldade de germinar no Movimento, porque é distante do nosso temperamento. Mas conquistou muitos no Ocidente – pensemos na facilidade com que a eutanásia é solicitada: a vida é dura, ruim, o nada é desejável, afogar no nada torna-se desejável. Receio que nós também estejamos começando a sentir os seus sintomas. Penso no medo de viver e de sair de casa que afetou muitos de nossos jovens depois da pandemia. É um medo que domina nas nossas comunidades, mas também nas nossas igrejas. O medo de viver que tantas vezes nós também sentimos.

“Tudo é Deus”. Lemos isso nas Laudes de segunda-feira: “Pois nele vivemos, nos movemos e existimos”. Tudo, pelo fato de existir, tem em comum com Deus a existência, participa da existência de Deus, participa do Ser.

Lembrar que somos n’Ele, na Sua presença, não pressupõe a insignificância do eu, mas a grandeza de tudo, dá peso a cada palavra, como Jesus disse. A distinção entre mim e Ele não confunde a minha humanidade com a d’Ele, mas marca a possibilidade de um diálogo da minha liberdade com a d’Ele, de uma relação – como será dito mais adiante –, de uma amizade.

Só assim podemos encontrar a coragem para manter a esperança dos homens, porque participamos do ser de Deus sem confusão.

## 3. Pedido de ser e estranheza

Quando pedimos que algo caminhe de certo modo, que um tratamento tenha efeito, que a pessoa amada nos diga sim, quando pedimos para passar num exame, tudo isso é pedido de ser, de ser

mais: pedido de realização, de felicidade.

E quando uma mãe pede ao filho para comer uma fruta porque lhe faz bem, qual é o seu bem? Que se torne grande, que seja amado, que se realize, que seja feliz; e, por último? Uma mãe, diante das possibilidades de seu filho passar por tristezas, sabe que o que lhe garantirá a possibilidade de letícia é o encontro com Cristo. Não sei quantas vezes a razão do pedido de comer frutas é tão profundo, mas acredito que estatisticamente é muito mais do que a própria mãe pensa.

Não vamos contrapor o bem pequeno com o bem grande; ajudemo-nos a lembrar – porque pode ser esquecido – como o bem pequeno prossegue em direção ao bem grande. Se é intencionalmente negado, é porque queremos possuir o outro de modo egoísta, porque algo estranho se insere na relação. A estranheza depende da presença de algo diferente dentro da história em que o Mistério se manifestou, que quer contaminar a consciência e até anular os fatos nos quais o Senhor se manifestou e se manifesta. A estranheza instiga a viver como se nenhum encontro e nenhum fato de salvação tivessem acontecido na nossa vida. É a suprema mentira.

Por que cedemos a isso? Dito de modo simples: porque há uma desordem original que se alia à cultura do nosso tempo. É o mistério do pecado original: o nome que podemos dar à revolta contra “Deus é tudo em tudo”. O início acontece com a reticência em relação à presença do Senhor (pondo-o de lado em nossas vidas) e do Seu plano de salvação; e, depois, se não reagimos, caímos na negação do encontro. Nós também podemos cair na negação do encontro. É a tentação de substituir a presença do Mistério por algo que controlamos e dominamos (pelo poder, como foi dito). Assim como aconteceu com Jesus no deserto, mas Ele venceu reafirmando a presença do Pai. A quaresma é o tempo em que nos convertemos ao Senhor e, com Ele, vencemos.

Como combater essa estranheza? Com a familiaridade com o Senhor que encontramos na nossa história. Quando eu estava no Brasil, padre Massimo Cenci e padre Giuliano Frigeni me contaram do primeiro encontro que padre Massimo teve com os índios: todos estavam reunidos e atentos, pareciam muito atentos, então, ele voltou triunfante para a casa do PIME, e disse: “Foi um grande sucesso! Vieram de todos os lugares e estavam muito atentos!” O velho padre lhe disse: “Pergunte a eles o que entenderam”. Então, padre Massimo reuniu todos mais uma vez e perguntou: “O que vocês entenderam do que eu disse?” Um deles respondeu: “*É o senhor que sabe*”, sinal de que não tinha entendido nada! Então, padre Massimo entrou em crise e disse: “O que eu fiz é inútil, vou voltar para a Itália”. Padre Giuliano não fez nenhum discurso, apenas lhe disse: “Dom Giussani...”, e citou a lista dos nomes de todos os seus amigos, como memória do que o Senhor fez na nossa história. Então, padre Massimo mudou o caminho e retomou a relação com as pessoas com um método diferente: mais do que fazer um grande show, começou a cultivar o relacionamento com elas. A partir daí, nasceram vocações, nasceu o Movimento, pensem, em Manaus! Vencemos a estranheza, em primeiro lugar, aprofundando a familiaridade com o Senhor que se manifesta na história.

Essa familiaridade, então, se torna oração, pedido de ser: “Vem, Senhor Jesus, nesta circunstância”; e também sendo ajudados pelos sinais objetivos, como os Sacramentos, a Escola de Comunidade – com os preciosos dez minutos – e a familiaridade entre nós, a comunhão entre nós, a nossa companhia vocacional, onde encontramos o conforto da proximidade, a clareza de juízo, a penetração no mistério das coisas, a atração da verdade. Pensaríamos nas coisas de que estamos falando e que estamos aprofundando se a nossa companhia não existisse? Na nossa comunhão encontramos acolhida, consolo, perdão, e até mesmo a palavra grande e definitiva que é a palavra “misericórdia”.

Agora, vamos passar para a segunda parte desta noite, com a introdução do novo texto da Escola de Comunidade.

## «CRISTO É TUDO EM TODOS»

Depois de ter feito, na primeira palestra, a grande pergunta: “O que é Deus para o homem?”, a segunda palestra aborda a outra questão fundamental: se Deus é tudo em tudo, “como podemos conhecê-lo desta forma?” (p. 34).

A resposta vem de outro versículo de São Paulo, tirado da Carta aos Colossenses: “Cristo, que é tudo em todos” (Col 3,11).

Em primeiro lugar (estamos na p. 47), o texto nos oferece uma citação de São Máximo, o Confessor. Vamos lê-lo cuidadosamente, palavra por palavra, também porque Giussani nos diz que é “a síntese das raízes de tudo o que pensamos e sentimos na nossa convicção de fé”.

Esta é a citação: “Cristo é [...], tudo em todos, Ele que tudo reúne em si segundo a força única, infinita e sapientíssima de sua bondade – como um centro para o qual convergem [todas] as linhas [...] – a fim de que as criaturas do Deus único não permaneçam estranhas e inimigas umas das outras, mas tenham lugar comum no qual manifestar sua amizade e sua paz” (p. 47). Releiam esta frase com calma e atenção. Os dez minutos serão gastos só na meditação desta bela frase de São Máximo, o Confessor!

Pensem como essas palavras, hoje em dia mais do que nunca, dão voz ao grito do nosso coração: “Senhor, vós que sois tudo em todos, vinde! Vinde nesta circunstância de guerra! Vós que tudo reunis em vós, vinde! Faze com que as criaturas do Deus único não permaneçam estranhas e inimigas, faze com que os povos em guerra não permaneçam inimigos, que nenhum dos refugiados seja estranho a nós! Dai-nos um lugar e fazei-nos construtores de lugares onde amizade e paz encontrem morada. Amizade e paz”.

### 1. Natureza e destino do homem

Vejamos agora como Dom Giussani explica “Cristo é tudo em todos”. Também nesta palestra ele antepõe o valor ontológico ao ético.

- “Deus é tudo em tudo” é a natureza das coisas, o ser das coisas, que se manifestará plenamente no último dia, na meta final: o Paraíso. “Deus tudo em tudo” é o momento final, mas já presente na realidade desde a origem.

- Assim, “Cristo é tudo em todos”, em seu valor ontológico, exprime a ligação entre a pessoa de Cristo e a natureza e o destino de cada homem. Há uma ligação entre a pessoa de Jesus e cada pessoa que nasce e que vem a este mundo. Pensem: Ele tem uma ligação com cada pessoa que nasce neste mundo! Há uma ligação entre Cristo e todos – todos! – aqueles que nascem! Este é o significado último do discurso que, antes de Sua morte, Jesus dirige ao Pai, no Cenáculo: “Desteme autoridade sobre todo ser humano [literalmente: ‘toda carne’] para que eu conceda a vida eterna a todos os que me deste” (Cf. Jo 17,2). É uma vida que passa em nós através do Senhor, de Cristo, o Ser, a ontologia que entrou na nossa história.

Em seu valor ontológico, “Cristo é tudo em todos” torna-se decisivo para a autoconsciência do homem (e, portanto, para a sua moral). “Tudo em todos” indica que Cristo é a fonte originária, o exemplo último e adequado pelo qual o homem pode conceber e viver sua relação com tudo. “Cristo é tudo em todos” nos indica como viver a relação com todas as pessoas e com toda a realidade. O valor moral da relação com o Criador, com o homem (a criatura por excelência), com a sociedade e com a história está nisto.

### 2. Imitar a Cristo

Neste ponto, Dom Giussani nos introduz ao entendimento de que, em sua essência, a moral é a imitação de Cristo.

Se para o homem a relação com Deus é relação com Jesus, então a moral, para o próprio homem, é a imitação do comportamento de Cristo: Ele é o Mestre que devemos descobrir, ouvir, seguir. Como os dois primeiros fizeram: “Mestre, onde moras?” “Vinde e vede”. Nós também fomos ao encontro com Ele, nos abrimos e vimos.

Giussani acrescenta: Cristo prossegue na história, em todos os tempos, dentro do mistério da Igreja. Este “Mestre, onde moras?” aconteceu para nós através da Igreja, de uma companhia que nos alcançou e nos alcança hoje: a Igreja, com seus capilares. Por isso, o convite a imitar Cristo é endereçado a todos os homens, mas, inicialmente, a nós batizados, como indicado autenticamente pela Igreja.

Aqui, ele chama a atenção para o valor da autoridade, com palavras sobre as quais vamos nos deter neste momento. Vou ler um trecho da p. 50: “Desta forma, do ponto de vista institucional, a autoridade [ele tinha acabado de mencionar a autoridade do Papa] é a forma contingente que a presença de Jesus ressuscitado utiliza como expressão atuante de sua amizade com o homem, comigo, com você, com cada um de nós. Este é o aspecto mais impressionante do mistério da Igreja, que mais impressiona o amor próprio do homem, a razão mesma do homem” que gostaria de dominar todo o universo. O Senhor se serve do pescador da Galileia para ser o ponto de referência da unidade e do juízo.

Portanto, se a moral, para o homem, é imitar a Cristo, o comportamento de Cristo, Dom Giussani introduz, neste ponto (p. 51) a pergunta que ele vai desenvolver ao longo da palestra: qual é o comportamento de Cristo em relação a Deus, em relação ao homem, em relação à sociedade e em relação à história?

Vou falar sobre esses quatro pontos, de forma sintética, a fim de ajudar na leitura.

### 1. O comportamento de Jesus para com Deus

*Este primeiro ponto corresponde aos itens 3 (Deus é Pai), 4 (O comportamento de Jesus em relação ao Pai) e 5 (Da amizade, a moralidade).*

O traço fundamental do ser de Jesus é o reconhecimento de que Deus é Pai. O Evangelho inteiro está repleto de passagens que mostram a consciência que Cristo tem do Mistério: “Jesus tem viva a consciência de como o Pai o invade totalmente, de que ‘Deus é tudo em tudo’” (pp. 51-52).

Desse Mistério como Pai, Jesus ressalta (p. 53):

- a) o poder criador: o Criador
- b) a perfeição suprema
- c) o fator supremo: misericórdia

Observem o que essas três atitudes de Jesus significam para nós, que somos chamados a imitá-Lo:

- a) Imitar Jesus no reconhecimento do Pai como criador significa viver a religiosidade em cada gesto. É a oferta: o valor da relação entre mim e qualquer realidade na vida é Cristo.
- b) Ser perfeitos como o Pai, no homem acontece apenas como graça. O fio da moralidade é, portanto, o pedido sincero da graça: por isso, na moral, dá-se a predominância do pedido e da mendicância e sobre a conquista do propósito (p. 55).
- c) Finalmente, Jesus veio para revelar plenamente que a relação que o Mistério tem com sua criatura é o amor e, portanto, a *misericórdia* (p. 56). Giussani diz: “Misericórdia [...] indica a posição do Mistério diante de qualquer fraqueza [somos frágeis e Ele chega até nós através da Sua misericórdia], erro e esquecimento humano: Deus, perante qualquer delito do homem, o ama” (p. 56).

Diante disso, qual é então o vértice da nossa moralidade? O reconhecimento e a aceitação dessa misericórdia. “Não se pode mendigar de Deus Pai a não ser como abandono a uma misericórdia” (p. 57).

Aqui, ele introduz a palavra “amizade”. A amizade, palavra que também está na proposta de modificação do Estatuto dos *Memores*, é um ponto fundamental de toda a nossa vida.

O valor supremo da amizade era um tema que preocupava Dom Giussani naqueles anos. Foi por isso que “Tu, ou da amizade” se tornou o tema dos Exercícios de 1997, tema – além disso – retomado no título de um livro de Dom Giussani que foi publicado alguns meses depois.

O comportamento de Jesus em relação ao Pai, que é reconhecimento e aceitação do Mistério como Misericórdia, representa “*a realização suprema da amizade*” (p. 57).

A relação de Jesus com o Pai é amizade. A amizade envolve reciprocidade: a iniciativa é de Deus,

mas o Filho responde ao Pai. “Jesus, enquanto homem, reconhece e aceita ser Ele a misericórdia do Pai. Assim Ele aceita morrer: ‘Pai, perdoa-lhes! Eles não sabem o que fazem’. Como para o homem Jesus a obediência ao Pai representa a fonte e o vértice da virtude, assim para o homem a moralidade nasce [como amizade] como simpatia predominante e irresistível por uma pessoa presente: por Jesus [como podemos não nos deter nessas palavras?]. Para além de tudo – atração, dor e delito – o apego a Jesus prevalece. A moralidade do homem nasce então como amizade com Deus como Mistério e, portanto, com Jesus, por meio do qual e no qual o Mistério se desvela, se revela, se comunica. Amizade verdadeira é todo relacionamento em que a necessidade do outro é compartilhada em seu significado último, ou seja, o destino para o qual toda necessidade desperta [amizade na qual o destino está envolvido] e que constitui o termo da sede e da fome humanas. Para o homem, aceitar o amor que se expressa na vontade de Deus – do Mistério, que fazendo-se homem em Jesus aceita a morte, a sua morte por todos os filhos – é a fonte da moralidade [porque ele nos amou até o fim, e este é o ponto de partida da nossa moralidade], que de fato nasce como amizade com Deus. [...] Ele aceita esse Mistério que se comunica a Ele [...] para todo e qualquer homem, a moralidade nasce como amizade com Ele, com Deus em Jesus” (pp. 57-58). Que beleza! Dá vontade de continuar lendo, então vamos nos deter um pouco nestas páginas, nestas palavras.

Giussani continua: “A moralidade nasce como amizade com Deus enquanto Mistério, e portanto com Jesus. A relação do homem com Deus enquanto Mistério e, portanto, com Jesus começa a realizar-se, em toda a sua grandeza, simplicidade, verdade e segurança, no *sim* de São Pedro a Jesus, que lhe perguntava: ‘Simão, tu me amas?’. [...] Desta forma, a moralidade, para o cristão, é *adesão amorosa*” (p. 58).

Toda relação de amizade é, portanto, um dom que recebemos, é um dom ao qual respondemos. É como o encontro com o Movimento: o recebemos como dom e respondemos com o nosso “sim”. “Simão, tu me amas?”, “Tu sabes que eu te amo”.

Pelo dom, no tempo, em todo relacionamento a necessidade do outro é compartilhada em seu significado último, ou seja, o destino para o qual toda necessidade desperta e que constitui o termo da sede e fome humanas (p. 57).

Na Assembleia subsequente à palestra há uma resposta sobre amizade que é muito bonita para não a lermos juntos (pp. 79-80):

“A coisa mais sublime de uma atitude moral como a que Cristo nos ensina é que toda ação, como relacionamento com Deus, com Jesus, com a humanidade do indivíduo e da sociedade, é amizade. Toda relação humana, de fato, ou é amizade ou é defectiva, deficiente, mentirosa. [...] Toda relação é amizade na medida em que é um dom, representa ou tem a possibilidade de ser um dom, que vem de Deus, ou de Cristo, ou da Igreja, ou da história do homem: a amizade é um dom que nós acolhemos [...] e aceitamos. E aceitar e acolher esse dom torna recíproco o amor que quem deu possui, demonstra: aceitá-lo é o amor que nós demonstramos a quem nos deu o dom. Neste sentido, a amizade é uma reciprocidade de dom, de amor, pois para um ser criado, como o homem, a suprema forma do amor a Deus é aceitar ser feito por Ele, aceitar ser, aceitar o ser que não é próprio: é dado”.

Entendem a diferença entre o panteísmo e o cristianismo?

## 2. O comportamento de Jesus em relação ao homem

*Estamos no item 6: Luz, força e ajuda para o homem (p. 58).*

Aqui, Dom Giussani sintetiza o comportamento de Jesus em relação ao homem, sua partilha da nossa vida, com três palavras: luz, força e ajuda.

a) Jesus é fonte de **luz**, de clareza e verdade (p. 58).

Os valores pelos quais julgamos são aqueles que chegam a nós por Jesus enquanto Presença agora: a comunidade da Igreja à qual pertencemos, que é o aspecto visível do Seu rosto.

“Ouvir a voz da autoridade, portanto do Papa e dos atos oficiais da Igreja, é como o antídoto contra deixar-se embriagar pelos *slogans* dos meios de comunicação de massa” (p. 59).

b) Jesus é fonte de **força**: “Sem mim, nada podeis fazer”. E, aqui, volta o tema da mendicância: somos mendicantes, e a forma de mendicância iluminada por Cristo são os Sacramentos, a forma suprema de oração.

c) Jesus é fonte de **ajuda**: “Eu estou no meio de vós como aquele que serve”; do mesmo modo, para nós, os relacionamentos com os outros, em Jesus, são partilha. A alma secreta de qualquer relacionamento e amizade é querer o destino do outro, aceitar que o outro queira o meu destino. A amizade, cristãmente falando, é amizade fraterna, é a amizade mais familiar.

### 3. O comportamento de Jesus em relação à sociedade

*Corresponde à primeira parte do item 7. Dentro da história do mundo: ecumenismo e paz (da p. 62 à p. 69).*

São muito sugestivas as passagens que falam do comportamento de Jesus em relação à pátria, ao poder político, à história; um comportamento que tem como objetivo final a geração de um povo mediante a vida da comunidade. Desse modo, o ecumenismo e a construção da paz são um resultado disso. Giussani não para, por assim dizer, no âmbito “privado”, nas relações com o outro. Coloca-nos diante do comportamento de Jesus em relação à sociedade, até o nível das instituições, chegando a falar de pátria e de poder político, de construção de um povo e de construção da paz.

Que valor assume essa integralidade na conjuntura histórica que estamos vivendo!

a) Em primeiro lugar, portanto, o amor à pátria, ao povo daquela pátria. Pensemos em quando Jesus, no esplendor do ouro do templo iluminado pelo sol que se punha, chorou diante do destino de sua cidade, aquela cidade que o mataria algumas semanas depois. Dom Giussani diz: “Uma piedade como a de uma mãe que se agarra ao filho para não deixá-lo ir ao encontro do perigo mortal para o qual caminha”. É por isso que, à imitação de Cristo, o amor à pátria “é uma implicação profunda da *pietas* cristã. Mas o é na medida em que a pátria está em função do bem-estar terreno e do bem eterno de toda a humanidade” (p. 63).

b) Em segundo lugar, o comportamento de Jesus em relação ao poder político. Ele não é desprezado, mas “até o poder político adquire sua possível positividade terrena apenas em função de um universo, em função de todos no mundo” (p. 64).

Não é uma luz sobre esta época?

### 4. O comportamento de Jesus em relação à história

*Este ponto é explicitado na segunda parte do item 7, que começa no final da p. 64.*

No texto há uma passagem esplêndida: “Assim como para Jesus o sentido da história era a realização da vontade do Pai [...] para o homem o sentido da história é [...] a glória humana de Cristo; imitar Jesus, então, é viver o propósito de cada ação [...] [para] a glória humana de Cristo” (p. 65).

É muito simples. Por isso eu continuo falando sobre meus encontros com os Noviços que fizeram a profissão, sobre a nossa amiga que foi à cabeleireira e ficou tocada e, quando ela fica tocada (“Eu gostaria de ser como você!”), esta é a glória humana de Cristo que se manifesta. Imitar Jesus, seguir o Senhor, permanecer em relação com Ele vence diante de qualquer tentativa do poder.

Isso se chama testemunho (p. 65). Testemunho “é o fenômeno pelo qual os homens reconhecem – por uma graça potente [...] – de que é feita a realidade, os homens e as coisas: é feita de Cristo, e gritam-no a todos, demonstram-no com a própria existência, com a forma transformada de sua existência” (p. 65).

Nossa vida “merece”, ou seja, é proporcional ao eterno, na medida em que vive a memória de Cristo. E é a memória que educa ao compromisso inevitável do cristão em servir a comunidade humana na cultura, na economia, até na política (p. 66).

O resultado deste trabalho são o ecumenismo e a paz (testemunhamos o florescimento desse milagre muitas vezes nas nossas obras, na nossa história; como elas parecem necessárias nesta

nossa sociedade dividida e fragilizada pela pandemia e pela guerra!).

Ecumenismo e paz: o princípio de todo relacionamento é a realização de uma amizade na qual a história humana encontra a melhor ajuda (p. 66).

A amizade cristã é partícipe da geração de um povo. Giussani o descreve assim: “É o acontecer de uma concepção de vida, de um sentimento do real, de uma honestidade perante as circunstâncias, de uma resposta intensa perante uma provocação, conforme uma visão e conforme uma percepção do próprio destino de verdade e de felicidade” (p. 67). Essa é nossa maior contribuição para a história.

A violência do poder sempre tentará destruir esse povo, devemos levar isso em conta. Giussani conclui esta passagem afirmando que “o Mistério como misericórdia continua sendo a última palavra mesmo sobre todas as piores possibilidades da história” (p. 68).

## CRISTO, VIDA DA VIDA

A parte conclusiva do texto de hoje é a parte em que Dom Giussani, que acompanhava os Exercícios nos bastidores, tomou a palavra e respondeu às perguntas “ao vivo”. São páginas extraordinárias, que nos permitem retomar sinteticamente e lançar novas luzes sobre o conteúdo das palestras dos dias anteriores. Confio a vocês a leitura cuidadosa dessas páginas.

Gostaria de fazer apenas uma proposta para vocês. Entre as respostas, uma delas é como uma grande oração que Dom Giussani faz (está na página 82). Dom Giussani revela, como num momento de extraordinária confiança, o que é, quem é Cristo para a sua vida. Nas próximas semanas, vamos repetir estas palavras: vamos repeti-las sempre, se possível todos os dias. No início teremos dificuldade, poderemos sentir uma certa indecisão, elas poderão nos parecer um pouco artificiais. Mas, lentamente, essas palavras entrarão em nós, se tornarão mais sinceras, mais verdadeiras. Porque são verdadeiras, e são nossas: são verdadeiras para você assim como eram verdadeiras para Dom Giussani. Então, vou ler, como primeiro elo de uma longa cadeia:

“Concluo esta ênfase [que culminou com as palavras sobre a misericórdia do Pai para conosco e, portanto, sobre a origem da nossa tarefa na história] das minhas preocupações, dizendo [este trecho, a meu ver, é próprio de um Padre da Igreja!]: Cristo, este é o nome que indica e define uma realidade que encontrei na minha vida. Encontrei: ouvi falar primeiro quando criança, depois quando jovem, etc. Podemos crescer, e essa é mais que sabida, mas para muita gente não é encontrado, não é experimentado realmente como presente; ao passo que Cristo deparou com minha vida, minha vida deparou com Cristo justamente para eu aprender a entender como é que Ele é o ponto nevrálgico de tudo, de toda a minha vida. *Cristo é a vida da minha vida*. N’Ele se concentra tudo o que eu queria, tudo o que eu procuro, tudo o que eu sacrifico, tudo o que em mim evolui por amor das pessoas com que Ele me pôs. [...] Cristo, vida da vida, certeza do destino bom e companhia para a vida diária, companhia que é familiar e transforma tudo em bem: isto representa a eficácia d’Ele na minha vida” (pp. 82-83).

Obrigado pela atenção. Nunca deixaremos de agradecer por este dom que aconteceu na nossa vida: “Cristo é tudo em todos”.

### Prosperi

Obrigado, Dom Filippo, por esse trabalho notável. Acho que nós teremos muito trabalho a fazer.

Escola de Comunidade. Até os Exercícios da Fraternidade vamos trabalhar sobre a parte de *Dar a vida pela obra de Outro* que foi apresentada esta noite: “Cristo é tudo em todos” (pp. 47-85). Por ocasião dos Exercícios, comunicaremos quais os conteúdos e de que modo o trabalho de Escola de Comunidade continuará a partir de maio.

Por fim, vamos ver juntos o Vídeo do Cartaz de Páscoa, disponível no site e nas redes sociais de CL.

*[projeção do vídeo]*

As frases do Cartaz são do Papa Francisco e de Dom Giussani:

“A sua ressurreição não é algo do passado; contém uma força de vida que penetrou o mundo. Onde parecia que tudo morreu, voltam a aparecer por todo lado os rebentos da ressurreição. É uma força sem igual. É verdade que muitas vezes parece que Deus não existe: vemos injustiças, maldades, indiferenças e crueldades que não cedem. Mas também é certo que, no meio da obscuridade, sempre começa a desabrochar algo de novo que, mais cedo ou mais tarde, produz fruto. Num campo arrasado, volta a aparecer a vida, tenaz e invencível” (Papa Francisco).

“*Cristo é a vida da minha vida*. N’Ele se concentra tudo o que eu queria, tudo o que eu procuro, tudo o que eu sacrifico, tudo o que em mim evolui por amor das pessoas com que Ele me pôs. Cristo é um homem que viveu há dois mil anos como todos os demais, mas que, ressuscitado da morte, invadido pela força do Mistério – do qual participava em sua natureza –, nos invade dia após dia, hora após hora, ação após ação” (Luigi Giussani).

Para concluir, agradeço a Dom Filippo Santoro, em meu nome e em nome de todos vocês, pela ajuda que nos deu. Desejo a ele e a todos um bom caminho de espera da Santa Páscoa. Despeço-me de todos, presentes e conectados.

*Veni Sancte Spiritus*